



Recortes de Imprensa

Julho 2010

apoio



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA Números do Gabinete de Apoio à Vítima do Porto da APAV

Maus tratos são um quarto das denúncias

Associação registou, em 2009, **um total de 1586 processos de apoio**. Cerca de 84% das vítimas foram mulheres.

NUNO MIGUEL PEREIRA
npereira@destak.pt

Cerca de um quarto das denúncias registadas pelo Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) do Porto estavam relacionadas com maus tratos físicos. Este dado consta do relatório

de estatística do GAV, que pertence à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

A APAV registou um total de 3573 crimes, dos quais 911 (25,5%) estão relacionados com maus tratos físicos. Os números do GAV/Porto os maus tratos psicológicos representaram 33,8% das denúncias. Os casos de violação e de abusos sexuais 1,5% dos registos. Os casos de violência doméstica representaram 87,4% dos crimes registados pela APAV e foram seguidos dos crimes contra o património, com 8,2%.

MAIORIA DAS VÍTIMAS ERAM CASADAS

Entre as vítimas, quase metade (48,5%) estavam casadas e 15,6% eram solteiras. O tipo de família nuclear com filhos apresentava-se com uma percentagem bastante elevada (44,9%), seguido do casal sem filhos (8,9%).

No decorrer do ano de 2009, o GAV/Porto registou um total de 1586 processos de apoio. De Janeiro a Dezembro, os meses que receberam mais contactos foram Fevereiro (9,6%), Julho,



Os crimes de violência doméstica dominam as estatísticas da APAV

(9,6%) e Setembro (9,6%). A terça-feira (19,5%) foi em 2009, tendencialmente, o dia de semana mais preenchido em termos de atendimentos e a sexta-feira o menos preenchido (15,5%).

Das 1498 vítimas de crime assinaladas pelo GAV do

Porto em 2009, «é possível observar que a tendência de anos anteriores se mantém», dado que cerca de 84% das vítimas eram do sexo feminino e situavam-se, em termos de faixa etária, entre os 26 e os 55 anos de idade (38,2%).●



Ameaças com uma arma falsa, na escola do Cerco, em 2008

APAV dará aulas contra violência ao 9.º ano

Prevenção. Programa adaptado do Canadá foi financiado com fundos europeus

PATRÍCIA JESUS

No início do ano, Pedro (nome fictício) não tinha amigos na escola e era "posto de parte" pelos colegas. Mas ao longo do primeiro período as atitudes foram mudando, à medida que a turma aprendia, ao mesmo tempo que Matemática e Português, a prevenir relacionamentos violentos e negativos. O projecto é da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que quer agora estender estas aulas de prevenção da violência e comportamentos de risco na adolescência ao maior número possível de escolas do ensino básico.

A disciplina foi pensada para ser dada no 9.º ano, ao longo de 24 aulas. A matéria tem quatro partes: "ensinar" relacionamentos saudáveis, prevenindo a violência no namoro e o *bullying*; falar sobre uma sexualidade segura para evitar comportamentos de risco; prevenir o consumo e abuso de álcool e drogas; e evitar a discriminação de género.

Rosa Saavedra, responsável da APAV, explica que "não se trata de sessões pontuais" mas de um programa – inspirado num projecto canadiano – que é explorado ao longo do ano como se fosse mais uma disciplina: "Uma em que se fala de relacionamentos".

Nos últimos dois anos lectivos já houve duas escolas do Norte do País – com 14 turmas de cerca de

25 alunos – a aplicar o programa, baptizado de "4d – prevenção integrada em contexto escolar". Uma delas foi a Secundária Inês de Castro, do professor Nuno Sá, que nos contou o caso de Pedro.

As aulas são dadas nas horas da Área de Projecto – 90 minutos por semana em que cada escola define quais os projectos em que quer investir. "Dá-nos oportunidade de falar com eles sobre temas que se nota que eles precisam de falar e nem sempre têm com quem", explica Nuno Sá. O professor notou não só uma "diminuição da conflitualidade" nas turmas, mas também a identificação de perigos. "A violência no namoro, por exemplo. Aham que nunca lhes vai acontecer, mas depois partilham situações em que o namorado gritou ou lhes deu um estalo." E apercebem-se de que esses comportamentos não são saudáveis.

Por isso, a APAV promoveu ontem um seminário, para divulgar o projecto junto de mais escolas, com a participação de uma representante da Direcção-Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular, Isabel Baptista. "Temos muitos coordenadores da área de saúde nas escolas interessados", garante Rosa Saavedra. A coordenadora salienta que os materiais já existem, uma vez que os manuais foram adaptados pela associação a partir dos originais do projecto canadiano e foram feitos vídeos e treinados professores.



Aulas contra a violência no 9º ano

► PROGRAMA

PARA prevenir relacionamentos violentos e comportamentos de risco entre os mais jovens, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) vai dar aulas aos alunos do 9º ano, no âmbito da disciplina de Área de Projecto. O projecto, que já arrancou em duas escolas do Norte do País, pretende agora estender-se ao maior número possível de alunos do ensino básico, que irão ter no próximo ano lectivo 24 aulas com conteúdos didácticos nas áreas de prevenção da violência no namoro e do bullying; sexualidade e comportamentos de risco; consumo e abuso de álcool e drogas; e discriminação de género. A partir de um programa canadiano que disponibilizou à Associação materiais que já foram adaptados ao contexto português, a APAV visa com esta iniciativa abordar relacionamentos entre os adolescentes, identificando perigos e ajudando os jovens a superar comportamentos pouco saudáveis.

Seminário APAV 4d - prevenção integrada em contexto escolar Iniciativa tem como objetivo refletir acerca da prevenção de comportamentos de risco na adolescência

Tipo Meio: Internet **Data Publicação:** 01-07-2010
Meio: Sapo Online - Saúde Sapo
Online
URL: http://saude.sapo.pt/artigos/noticias_actualidade/ver.html?id=1076206

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima - APAV promove o Seminário APAV 4d - prevenção integrada em contexto escolar. Esta iniciativa tem como objetivo refletir acerca da prevenção de comportamentos de risco na adolescência, sobretudo ao nível das quatro dimensões identificadas no Programa 4d - currículo de prevenção para o 9º ano de escolaridade: violência nas relações de namoro e entre pares, comportamentos sexuais de risco, consumo e abuso de substâncias e desigualdades de género.

O 4d é um programa de prevenção universal, implementando em contexto escolar, e que resultou da tradução e adaptação do The Fourth R, um projeto desenvolvido e testado no Canadá, pela equipa coordenada pelo investigador David Wolfe. As comunicações de especialistas nacionais e internacionais permitirão discutir e refletir acerca dos desafios da prevenção nestes domínios.

Programa:

09:30 - Abertura.

Direcção Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular/Ministério da Educação - Isabel Baptista

Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género - Manuel Albano

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima - João Lázaro

10:00 - Sessão Plenária 1: Prevenção de Comportamentos de Risco na Adolescência.

14:30 - Sessão Plenária 2: Práticas de Prevenção em Contexto Escolar.

16:30 - Encerramento. APAV 20 anos: Planos para o Futuro.

Local Auditório do Museu Nacional Soares dos Reis (Palácio dos Carrancas - Rua D. Manuel II).



Violência contra idosos tem vindo a aumentar

Forças policiais registam tendência crescente que APAV considera ser ainda a ponta do icebergue

Nunca a violência doméstica foi tão visível, mas o fenómeno não pára de crescer. Embora as mudanças legislativas tenham implicado maior consciência cívica e tornado o crime socialmente intolerável, há ainda uma face oculta quando em causa estão os idosos. E se ao nível das participações tem havido uma tendência crescente, também há a convicção que os números acerca das agressões físicas e psicológicas contra pessoas com mais de 65 anos podem estar longe da realidade.

RICARDO SOARES

rsouares@tribunadamadeira.pt

As 30.543 participações apresentadas às forças de segurança, só em 2009, tornaram a violência doméstica o quarto crime mais registado em Portugal. É o segundo no que respeita aos crimes contra pessoas. O número representa um aumento de 10,1% relativamente ao ano anterior e traduz-se numa média de 2.545 participações mensais e 84 queixas diárias. Uma sub-

da que deverá continuar em 2010, reflectindo a tendência verificada ao longo dos últimos anos.

“A procura continua e há expectativas de aumento para este ano”, assinala João Lázaro, o vice-presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), uma entidade que se dedica ao acompanhamento das vítimas de violência e tem delegações espalhadas por todo o país. “Neste momento, não consigo colocar esse sentimento em números, uma vez que ainda estamos a apurar a tendência do primeiro semestre.”

João Lázaro ressalva que a tendência de aumento na procura da APAV por parte das vítimas “não significa necessariamente” um “aumento efectivo” da criminalidade nesta área, também pode ser explicada pela existência de uma “maior consciência e intolerância social” em relação à violência doméstica.

“Quem é vítima procura hoje apoio mais facilmente que há dez anos, também porque existem mais respostas”, sublinha o vice-presidente da APAV.

Mas apesar da maior condenação social, em Portugal a violência doméstica ainda continua a ter uma face escondida. É o que acontece, por exemplo, nos casos em que existem agressões de filhos contra pais, um fenómeno que também tem registado uma tendência de aumento. Embora seja uma realidade para a qual a sociedade começa a ter cada vez mais consciência - e também nestes casos o acréscimo de registos deva ser justificado com um aumento na frequência de queixas e não de casos propriamente ditos - os números ameaçam tornar-se ainda mais preocupantes.

“Os dados serão revelados em Julho, mas, face aos elementos de que dispomos, pos-

so adiantar que há igualmente uma tendência de aumento neste tipo de ocorrências. Relativamente à violência contra idosos, perpetrada não apenas por familiares, tem-se verificado essa tendência, o que significa, na convicção de quem trabalha na área, que estamos apenas perante uma pequena ponta do icebergue”, assinala. “Embora já tenhamos uma cultura de intolerância que condena a violência doméstica contra as mulheres e crianças, muito devido à evolução da sociedade portuguesa durante os últimos anos, os idosos ainda não sentem o respeito que deviam ter pelo seu papel na sociedade. E muitos não se queixam.”

Violência e exploração financeira

João Lázaro lembra que muita da violência contra idosos é perpetrada no seu círculo mais íntimo - quer dentro da própria família, quer ao nível dos prestadores sociais - o que dificulta o grito de alerta que permita quebrar o silêncio por parte destas vítimas. E em tempo de crise económica como a que vivemos, também a exploração financeira das

prestações sociais recebidas pelos idosos acabou por tornar-se fenómeno recorrente.

“Não é o que acontece em todos os casos, mas muitos existem em que a pessoa idosa não é respeitada na sua integridade, autonomia e vontade, com a violência a passar pela exploração económica e aproveitamento patrimonial por terceiros daquilo que o idoso recebe”, explica o responsável.

Neste campo, e de acordo com estudos anteriores da APAV, há uma tendência para as agressões serem efectuadas por um filho adolescente ou já adulto. A vítima, na maior parte dos casos, tem grandes dificuldades em defender-se - e também em queixar-se, sejam os motivos a vergonha, o medo ou o desconhecimento dos mecanismos que estão disponíveis para efectuar as denúncias. Um levantamento de dados efectuado pela APAV, respeitante ao período compreendido entre 2004 e 2008, indica que os crimes de violência doméstica de filhos contra pais não pararam de aumentar: 299 em 2004, 538 em 2008. Este último representou 7,7 % por cento de toda a criminalidade verificada nesta área.

A análise ao documento permite ainda tirar outras conclusões, embora os núme-

ros tenham oscilado ligeiramente ao longo dos quatro anos: a agressão é feita maioritariamente por homens contra mulheres (63% dos casos em 2004 e 74% em 2008) e houve 242 casos de violência de filhos contra pais em 2004 e 538 em 2008. Cerca de 39% das vítimas, a maioria do total, tinham mais de 65 anos e representavam 705 casos no total dos 1828 verificados entre 2004 e 2008. A esmagadora maioria dos agressores tinha entre 18 e 45 anos. Os maus tratos físicos e psicológicos de filhos a pais com mais de 65 anos representaram cerca de 64% das situações analisadas pela APAV durante esse período de tempo.

Crise não é factor decisivo

De acordo com um relatório da Direcção Geral de Administração Interna (DGAI), cerca de três em cada mil portugueses apresentou o ano passado uma queixa por violência doméstica. A taxa de incidência na Madeira foi mais elevada e situou-se nos 4,1, com as comarcas do Funchal e Santa Cruz a atingirem valores entre 3,9 e 4,7 participações por cada mil habitantes. A taxa de variação na Madeira, entre 2008 e 2009, em termos do número de ocorrências registadas, foi de 8,4%. As forças de segurança contabilizaram 1.020 participações por violência doméstica na Região durante o ano passado, ou seja 3,3% do total do país.

O relatório da DGAI aponta que quase metade das participações foram recepcionadas de noite ou de madrugada e um terço das situações participadas referem-se a casos verificados ao fim-de-semana. A intervenção policial fez-se geralmente a pedido da vítima e mais de metade dos casos reportavam para ocorrências anteriores, sabendo-se que 45% delas foram presenciadas por menores. As vítimas eram maioritariamente do sexo feminino (85%), casadas ou em união de facto (53%) e tinham idade média de 39 anos. Os três principais "factores precipitantes" para as agressões estavam relacionados com o estado alterado dos denunciados devido ao consumo de álcool ou drogas (32%), com questões monetárias/bens/desemprego (16%) e com respostas a uma ameaça de abandono (15%). A violência física estava presente em 76% das situações, a psicológica em 56% e a sexual em 1%.

"Contrariamente à criminalidade patrimonial, não existe uma correlação directa entre

as situações de crise económica e a violência doméstica. A situação económica pode ser mais um factor que contribui para o fenómeno, mas não diria que é um factor decisivo. Mesmo em anos de estabilidade económica, os números não deixaram de aumentar", salienta João Lázaro, o vice-presidente da APAV.

Os números da violência doméstica de 2009 não constituem novidade relativamente à tendência de anos anteriores. Os dados respeitantes a 2008 já confirmavam um aumento significativo nas ocorrências participadas às polícias, mais 26,6% que em 2007, um ano em que se procederam a alterações legislativas que consagraram a violência doméstica como crime autónomo no Código Penal. Em 2000 fora tornado crime público.

"Da observação que fazemos dos dados da APAV na sua rede nacional de delegações de apoio à vítima, houve uma forte mudança desde que este fenómeno passou a crime público. Para além da questão jurídica, a própria designação crime público passou a mensagem e deixou bem claro nos cidadãos que a violência doméstica deixava de estar restrita ao silêncio de quatro paredes para passar a ser uma preocupação de todos", destaca João Lázaro. "Hoje é um crime intolerável socialmente, fazendo com que um conjunto alargado de pessoas que rodeiam a vítima - desde amigos, família, colegas e entidades patronais - procurem informar-se para saberem como podem ajudar."

Maior resposta a crime sem castigo

Apesar dos esforços feitos junto do Governo Regional e também da Câmara Municipal do Funchal, a APAV ainda não teve "acolhimento" para estender os seus serviços à Madeira. A associação está inserida em comunidades locais e regionais distribuídas pelo país, em parceria e colaboração com entidades públicas e privadas, e há alguns anos que tenta que a Madeira tenha um gabinete de apoio à vítima. A colaboração pública passaria pela cedência de instalações e cofinanciamento para a resposta social dada às vítimas de violência, com a garantia de qualidade da APAV.

"Pela sua densidade populacional, e segundo os dados oficiais resultantes dos relatórios anuais de Segurança Interna, faria todo o sentido que a Madeira tivesse um serviço regional de apoio às pessoas que são vítimas de cri-



me", considera o vice-presidente da APAV. "Quando há crimes há vítimas que devem ser apoiadas de uma forma qualificada. Neste momento, existem outras respostas na Madeira, mas não uma resposta institucionalizada." A questão é premente. Entre 2000 e 2006, houve 109.786 denúncias de violência doméstica em todo o país. Nunca as forças de segurança lidaram com tantos casos. Mas se a lei previu a criação de uma rede de casas-abrigo e centros de atendimento às vítimas, tal como o

reforço da possibilidade legal de afastamento do agressor e outros mecanismos de combate que contribuíram para romper o silêncio, poucos casos chegam aos tribunais. Nesse período de tempo, as mais de 100 mil denúncias resultaram em apenas 2.252 condenações. Em Portugal não chega a 150 o número de condenados a prisão por crime de maus tratos do cônjuge ou análogo. A prisão efectiva foi aplicada a oito indivíduos em 2000, 14 em 2001, 14 em 2002, 21 em 2003, 22 em 2004, 28 em

2005 e 35 em 2006. Já a prisão suspensa simples recaiu sobre 36, 77, 153, 225, 286, 312 e 231, respectivamente. A taxa de reincidência é elevada. Um estudo do Ministério da Administração Interna apontava que em quase metade (47%) das ocorrências registadas pela PSP e pela GNR havia agressores reincidentes.

Casas de apoio e proximidade da PSP

A Madeira possui casas de apoio para receber e ajudar as mulheres vítimas de maus tratos. A primeira surgiu em 2002, a segunda em 2004 e, entretanto, foi criada uma terceira instituição com capacidade para acolher mais 19 vítimas de violência doméstica. Mas apesar dos apoios da Segurança Social, há ainda quem tarde em dar o grito de alerta. Essa foi a razão que levou a PSP a criar em 2006 equipas responsáveis pela segurança e policiamento de proximidade que têm entre as suas competências a prevenção da violência doméstica, o apoio às vítimas de crime, o acompanhamento pós-vitimação, a identificação de problemas que possam interferir na situação de segurança dos cidadãos e a detecção de cifras negras.

O atendimento aos casos de violência doméstica nas esquadras da PSP realiza-se em espaços próprios que garantam a privacidade e o conforto da vítima. A corporação policial afiança que todas as esquadras e postos recentes possuem estas salas, tendo sido feitas nas mais antigas as adaptações possíveis. Actualmente, mais de 50% das esquadras e postos policiais do país possuem um espaço específico para atendimento à vítima de violência, enquanto nas restantes este realiza-se geralmente numa sala que reúna as condições necessárias durante o atendimento. ●

"Encontro-me numa situação difícil. Na minha idade e com os problemas de saúde que tenho é natural que esteja nesta situação. Nunca me dei bem com a minha filha, sobretudo porque nunca concordei com o casamento dela. Não sei se interfeiri demais, não sei se fiz algum mal. Passaram os anos, os problemas sucederam-se. Criei-a sozinha, com um ordenado baixo e muitas agruras. Eram outros tempos, tive de manter o respeito, porque não queria que ela fosse uma leviana. O casamento dela não deu resultado. Nunca poderia dar, eu vi logo. Culpa-me a todo o instante de ser uma frustrada. Eu continuo a achar que se ela tivesse trabalhado mais, como eu fiz, hoje não era uma mulher frustrada só porque o marido a trocou por outra.

Estou numa situação de quase miséria, porque todo o dinheiro que tenho é para ajudar a pagar o empréstimo do apartamento da minha filha, que, para além disso, me vendeu o ouro e um relógio que tinha sido do meu pai. Algumas pratas também já foram à vida. Vão-se os anéis e ficam os dedos, diz o povo. Mas, no meu caso, não sei se, um dia destes, os próprios dedos me ficam. Já não é a primeira vez que me bate... E também me fecha no quarto quando não lhe convém que eu esteja à vista quando leva os namorados lá a casa.

O problema é que eu amo a minha filha, como uma mãe ama um filho. Mas não consigo perceber onde errei na educação dela para merecer isto... Pedi apoio recentemente e ainda não decidi o que quero fazer. Mas já sei que posso fazer alguma coisa, que ainda sou senhora da minha vontade e das minhas coisas. A minha filha não pode fazer-me isto só porque estou velha."

Deolinda, 75 anos, in site da APAV.



> 20 ANOS

APAV de parabéns

A APAV celebrou 20 anos a apoiar as vítimas de crimes em Portugal. Nestas duas décadas esta associação interveio em mais de 93 mil processos de apoio, o que corresponde a um universo estimado de cerca de 187.000 pessoas. A APAV presta apoio emocional, jurídico, psicológico e social às vítimas de crime, através dos 15 Gabinetes de Apoio à Vítima, presentes em 8 distritos do continente e na região autónoma dos Açores.



20 Anos APAV no apoio diário às vítimas de crime.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) celebrou no dia 25 de Junho os seus 20 anos. A APAV surgiu no ano 1990, com a missão de apoiar as vítimas de crimes em Portugal.

Vinte anos passados, a APAV cresceu, ao longo destas duas décadas a APAV desenvolveu-se, foram criadas bases e estruturas, afirmou-se como projecto sólido, apoiou milhares de pessoas: de 1990 a 2009 foram registados 93.422 processos de apoio, o que corresponde a um universo estimado de cerca de 187.000 pessoas apoiadas.

A APAV presta apoio emocional, jurídico, psicológico e social às vítimas de crime, através dos 15 Gabinetes de Apoio à Vítima, presentes em 8 distritos do continente e na região autónoma dos Açores, bem como das unidades específicas de apoio à vítima imigrante (Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica e Unidade



de Apoio à Vítima Migrante - Açores) e através do 707 2000 77 - Linha de Apoio à Vítima da APAV.

A APAV apoia as vítimas de todos os tipos de crime, embora predominem estatisticamente as vítimas de crimes contra as pessoas com existência de violência (maus tratos; ameaças; crimes sexuais, violência doméstica; e muitos outros). Estão a ser apoiadas cada vez mais vítimas (e seus familiares) de crimes de furto (por esticção, de e em veículo motorizado, por carteirista, em casa por arrombamento), de roubo, de dano, de burla, de abuso de confiança, de falsificação de documentos, e outros crimes contra a propriedade; assim como de crimes de homicídio (voluntário consumado, por negligência em acidente de viação), de abuso de autoridade e discriminação racial ou étnica.

A base das organizações são as pessoas, particular-

mente numa organização assente no Voluntariado como é a APAV, pelo que deixamos uma palavra de agradecimento para todos aqueles que deram um pouco de si para este projecto: no passado, no presente e todos aqueles que continuarão este esforço no futuro.

Em paralelo com a celebração dos 20 anos, a APAV está a desenvolver uma campanha nacional de sensibilização apresentando uma mensagem: "há crimes que deixam marcas". Esta campanha foi desenvolvida pela agência Santa Fé e tem como objectivo a sensibilização para o trabalho desenvolvido pela APAV no apoio às vítimas de todos os crimes.

Honrando o passado, olhando para o futuro, o ano de 2010 será guiado pelo lema: 20 Anos APAV – no apoio diário às vítimas de crime.



Até ao final do ano, a The Body Shop e a APAV lançam uma petição para acabar com o tráfico sexual de crianças e jovens. Dia 9 de Julho, esta acção será celebrada na loja da The Body Shop dos Armazéns do Chiado, em Lisboa, das 10 às 17 horas. Parte dos lucros da venda do creme de mãos *Soft Hands Kind Heart* revertem a favor da APAV.



PASSAR PALAVRA

Acabe com o Tráfico Sexual de Crianças e Jovens é a campanha que a Bodyshop leva à rua até 9 de Julho em parceria com a ECPAT e a APAV. Participe e assine a petição que vai estar também disponível online!





Contra TRÁFICO SEXUAL de JOVENS

A iniciativa é, no mínimo, inovadora. Com o objectivo de acabar com o tráfico sexual de crianças e jovens, a Body Shop e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lançaram uma petição nacional. Para participar, basta fazer um "Big Stop" e assinar a petição numa loja The Body Shop ou através do *site* www.thebodyshop.com/stop.



aeiou

pesquisar

Bla Chat
Emprego

Email
Carros

Blogs
Casas

Escape
Vídeos

Aneotas
MyGames

Culinária
Passatempos

E.Informática
Quiosque aeiou

Blitz
Surf

Autosport
Relvado

Caras
Activa

Exame
Dinheiro

Expresso
Visão

Expresso

09/07/2010 atualizado às 12:17

login | registo

Blogues

RSS

Edição Digital

Lisboa 29°C | 17°C

Ínicio

Atualidade

Economia

Dinheiro

Life & Style

Desporto

Tecnologia e Ciência

Opinião

Blogues

Dossiês

Multimédia

Assinaturas

A a Z

ATUALIDADE | ECONOMIA | LIFE & STYLE | DESPORTO | EDUCAÇÃO E CIÊNCIA | REDE EXPRESSO | PORTUGAL 2009

javascript:changeTicker(-1);
javascript:changeTicker(1);

AMNISTIA INTERNACIONAL

Medo de violência impede as mulheres de ... « Amnistia Internacional « Blogues « Página Inicial |



Quénia

Medo de violência impede as mulheres de saírem de casa

Num novo relatório da Amnistia Internacional, Insecurity and Indignity: Women's experiences in the slums of Nairobi, Kenya, é apontado o dilema das mulheres e raparigas que habitam bairros clandestinos no Nairobi, que vivem em constante ameaça de violência sexual.

Amnistia Internacional, Amnistia Internacional

11:57 Sexta feira, 9 de Julho de 2010

Última atualização há 11 minutos

Comente



Partilhe

O governo queniano tem falhado no planeamento urbanístico da cidade e na integração e renovação destes bairros clandestinos, resultando na falta de acesso a serviços essenciais como o saneamento. As mulheres são forçadas a usar instalações sanitárias comuns, colocando-as especialmente em risco. Muitas delas já têm medo de sair das suas casas.

"As mulheres que residem nestes bairros clandestinos no Nairobi tornaram-se prisioneiras nas suas próprias casas durante a noite e antes de escurecer. Elas necessitam de maior privacidade do que os homens quando utilizam as instalações sanitárias ou quando tomam banho. A sua inacessibilidade faz com que elas se tornem mais vulneráveis a violações e à contracção de doenças. Existe um enorme fosso entre aquilo que o governo se compromete a fazer e a realidade destes bairros pobres. As leis quenianas prevêem direitos de acesso ao saneamento, mas depois de décadas de falta de reconhecimento destes bairros informais, as leis e regulamentos de planeamento urbanístico não são aplicadas nestas áreas", afirma Godfrey Odongo, Pesquisador da Amnistia Internacional para a África Oriental.

Esta situação é ainda pior quando aliada à falta da presença policial nestes bairros. Quando uma mulher é vítima de violência, é pouco provável que consiga ter acesso à justiça. Kibera é o maior bairro clandestino do Nairobi e aloja cerca de um milhão de pessoas, mas não dispõe de qualquer posto policial. As mulheres denunciaram à Amnistia Internacional a falta de condições sanitárias em que vivem, já que muitas acabam por recorrer a sacos de plástico para excreções que depois são deixados nas ruas, devido à falta de acesso a instalações sanitárias. De acordo com os números oficiais, apenas 24% dos residentes dos bairros informais têm acesso a instalações sanitárias próprias.

As políticas de implementação no Quénia dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, apesar de mencionarem intenções de melhorar o saneamento da população, não mencionam especificamente as condições em que vivem as mulheres, nem a fiscalização das medidas de regulação que exigem que os senhorios providenciem infra-estruturas sanitárias aos seus inquilinos. A Amnistia Internacional apela ao governo do Quénia para que faça pressão sobre os senhorios para que construam essas infra-estruturas e providenciem assistência para os habitantes que não possuem meios económicos para as construir. O governo deve também tomar medidas para melhorar a segurança, iluminação e policiamento.

Palavras-chave Quénia + instalações sanitárias + mulheres + Amnistia Internacional + Direitos Humanos

Relacionados

Blogue Saiba o que são os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio

Partilhar no Facebook

Gosto

Faça login pelo Facebook e comente este artigo!

Abrir todas as dez últimas entradas >>

Aviso

Para deixar o seu comentário necessita de ser utilizador registado.

Top Mais

Visitados | Comentados | Utilizadores

1. Faça praia no Estoril e leve um tiro na ...
2. Multikulti-Deutschland
3. Boa notícia: o mercado de rendas renasce
4. Respostas para quem está a pensar abrir um ...
5. Vaticano vai investigar pólvora encontrada ...

PUB

Mais entradas em Amnistia Internacional >>

Entradas recentes >>

- Medo de violência impede as ...
- Restrições à liberdade de expressão ...
- Legislação de Timor-Leste permite ...
- Autoridades israelitas devem acabar ...
- Stand Up United - Uma equipa ...
- Os Estados não podem ignorar os ...
- A Amnistia Internacional - Portugal ...
- Arábia Saudita: Libanês condenado à ...
- O Conselho da União Europeia deve ...
- O Prémio Amnistia Internacional - ...
- A Ucrânia deve assumir ...
- Fim à opressão dos activistas ...

Subscreva as nossas Newsletters OK

O Expresso no

Facebook

Twitter

RSS

Imobiliário | Emprego | Carros

ASSISTENTE DE PLANEAMENTO E PRODUÇÃO (m/f) - 10.07.2010 - SDO Consultoria**NETWORK MANAGEMENT SPECIALIST, 2N AND 3 (m/f) - 09.07.2010 - NATEK**

"Programador" ou "Vendas"

Últimas Bruno Silva actua (toma lá acordo ortográfico) no Espaço APAV & Cultura amanhã, dia 30 Julho

publicado em 29 Jul 2010 - 12:20



Sim, ele é escriba do Bodyspace. E a APAV apresenta um concerto dele no dia 30 de Julho, pelas 19h00. O concerto acontece no Espaço APAV & Cultura, na Rua José Estêvão 135-A (ao Jardim Constantino), em Lisboa, e tem entrada livre. Para que não nos acusem de favoritismo, transcrevemos integralmente o press release que apresenta o concerto: "Bruno Silva é membro dos projectos Osso, Ninjas!, Somália e Brisa Panaca e tem vindo ainda a apresentar-se ao vivo sob diversos pseudónimos. A adopção [eish, que coça no acordo ortográfico, tau] do nome próprio prende-se com o regresso ao seu instrumento primordial: a guitarra eléctrica. Ao longo dos últimos meses tem vindo a redescobrir este instrumento, na senda de uma linguagem de experimentação, que poderá encontrar paralelo com o trabalho de Donald Miller, guitarrista dos Borbetomagus, em aproximação a determinadas latitudes noise". Vai um bocadinho de noise antes das férias, meus meninos?

André Gomes

andregomes@bodyspace.net